

Gênero, etnia e identidade: enfoques a partir da literatura feminina de língua inglesa

*Ramaiane Costa Santos*¹

HARRIS, Leila Assumpção (org.). *A voz e o olhar do outro: questões de gênero e/ou etnia na literatura de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2009.

Resumo

A obra *A voz e o olhar do outro: questões de gênero e/ou etnia na literatura de língua inglesa* é dividida em seis textos. O primeiro faz um estudo das teorias queer que marca um rompimento com as identidades fixas; o segundo trata de questões relacionadas à etnicidade especificamente bi-racialismo, o híbrido, o pós-racial; o terceiro que trata de questões migratórias e do sentido de lar para os migrantes; o quarto trata do cientificismo no gênero textual de fixação científica tratando de assunto relacionados à clonagem; o penúltimo artigo refere-se a análise das manifestações afro-culturais em diversas formas da Arte, por fim o sexto e último artigo é um estudo de obras autobiográficas feitas por mulheres indígenas analisando a questão de gênero e identidade cultural.

Palavras-chave: *Literatura; Identidade; Teorias queer; Gêneros textuais.*

Os textos que compõem a obra “*A voz e o olhar do outro: questões de gênero e/ou etnia na literatura de língua inglesa*” são resultados de um encontro promovido pela UERJ que contou com seis palestrantes, dentre as quais cinco compõem o diretório do grupo de pesquisa que leva o mesmo nome da obra e uma faz parte ao Grupo de trabalho da ANPOLL “A mulher na literatura” do qual quatro das docentes/pesquisadoras também fazem parte.

O primeiro texto é intitulado “*Teorias queer, feminismo/s e Jeanette Winterson: por uma política possível*” escrito pela professora doutora Ana Cecília Acioli

¹ Discente do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista de Iniciação Científica (FAPESB).

Lima. Em sua produção ela expõe a respeito das teorias queer. Este termo há muito tempo foi usado para designar, de modo preconceituoso, os homossexuais caracterizando até uma violência homofóbica. Com o objetivo de eliminar o preconceito contido na palavra, o termo recebeu uma nova conceituação a partir dos modelos teóricos nascidos nos estudos feministas, dos gays, lésbicas e das teorias de Judith Butler sobre gênero e identidade.

As opiniões acerca do tema são divergentes alguns críticos acreditam que a nova maneira de entender o tema não elimina a discriminação outros, no entanto, afirmam que a mudança implica em poder que intervém nos pressupostos culturais. Segundo a autora Ana Cecília alguns interesses da teoria queer a aproximam de algumas vertentes do feminismo. No entanto, as teorias queer são contra qualquer maneira de definição, por isso ela seria caracterizada como um posicionamento que diz respeito à sexualidade.

Queer marca um rompimento com as identidades fixas e definidas, é o fruto de maneiras de pensar específicas do final do século XX. Nesse sentido, prefere uma visão mais aberta da política, já que trata de uma categoria que recusa qualquer forma de consolidação. Ana Cecília demonstra em seu texto que a perspectiva queer adotada na ficção de Jeanette Winterson não representa uma postura apolítica. Os textos analisados foram: “*The passion* (1987), *The poetics of sex* (1998), *Sexing the Cherry* (1989) e *The Powerbook* (2000)”

Cecília baseando-se nas ideias de Judith Butler acredita que a mulher pode exercer pela narrativa de ficção e pelo discurso, o poder. Os personagens são vistos a partir da perspectiva queer em que eles não apresentam identidades totalmente definidas não condizendo com seus gêneros. A conclusão que Ana Cecília chega é que as narrativas de Jeanette Winterson abrem possibilidades para uma análise crítica, já que o sujeito de suas obras é múltiplo.

O segundo texto é da autora Heloisa Toller Gomes “*Os Estados Unidos e sua expressão discursiva no tratamento da etnicidade: o ‘bi-racialismo’, o ‘híbrido’, ‘o pós-racial’*”. Ela enfatiza as manifestações discursivas em língua inglesa, a questão afro-brasileira e a afro-descendente em geral, com enfoque na problemática da exclusão. Essa ênfase dá-se a partir dos Estudos Culturais atentando para a fluidez e a diversidade das identidades, especialmente os de língua inglesa já que foi na Inglaterra em 1950 que surgiu a primeira disciplina: Cultural Studies. E, além disso, os Estudos Culturais abrem discussão para a percepção de que o presente está impregnado de passado.

Em relação aos Estados Unidos críticos dos estudos pós-coloniais se referem à herança colonial também naquele país, no entanto, a sua característica de neocolonizador impede o reconhecimento de suas características coloniais. Heloísa em seu texto busca fazer um recorte em três fases: a do bi-racialismo que definia hierarquia e proporcionou o apartheid (branco, não branco); o híbrido que permeia a interdisciplinaridade e o transculturalismo e o pós-racial a partir da eleição de um negro Barack Obama faz com que as pessoas atentem para uma certa ruptura com o passado. Em seus discursos Obama atentou a população de que a sociedade não é estática e que é necessário enfrentar o passado que fundamenta o presente.

Heloísa chegou à conclusão embora provisória de que o hibridismo e os tempos culturais proporcionam os discursos de inclusão.

O terceiro texto é “*Espaços Discursivos, geográficos e afetivos na Literatura Diaspórica contemporânea*” de Leila Assumpção Harris.

Os posicionamentos dos sujeitos migratórios são reunidos na produção literária de escritoras também migrantes, já que o conceito de lugar é associado ao feminismo e a maternidade. Os movimentos migratórios vem contribuindo para a desconstrução de mapas cartográficos afetando as relações de gênero, pois muitas vezes é necessário conviver com duas ou mais culturas.

A migração cria o desejo pelo lar/pátria estimulando uma recriação das mesmas, embora muitas vezes esse lar possa ser visto como um lugar acolhedor ou aterrorizante de maneira que é necessário abandoná-lo.

O quarto texto é “*Divulgação científica, ética científica e ficção científica em A Lição de Prático, de Maurício Luz e Oryx e Crake, de Margaret Atwood*” da autora Lucia de La Rocque.

A literatura tem dado voz a todo tipo de conhecimento, incluindo o científico. No século XIX esse tipo de desenvolvimento trouxe inúmeras novidades e expectativas. O avanço tecnológico fez com que muitas previsões futuristas fizessem parte do cotidiano das grandes cidades. Por isso nessa época nasce também o gênero literário ficção científica. Este não aplica uma fuga a realidade, não aliena, pode sim, levar a uma maneira diferente de pensar o mundo e de se situar nele. Tanto a ficção quanto o gênero ficcional tiveram origem comum e relação com a mídia impressa nos meios de comunicação de massa.

Os dois romances analisados por Lucia de La Rocque trabalham com a questão da tecnociência, responsabilidade e ética e, de certa maneira, a manipulação pela mídia. Tanto *A Lição de Prático*, do brasileiro Maurício Luz, de 1998, como *Oryx e Crake*, da canadense Margaret Atwood, de 2003, lidam com um dos temas científicos mais explorados pela mídia em nossos dias: o da manipulação genética.

Em *A Lição de Prático*, de Maurício Luz o tema é a clonagem seus desdobramentos e questionamentos da ética científica. A história se passa no fim do século XXI em que um cientista, o doutor Schnartz, desenvolveu um processo de revitalização para seres humanos a partir da transferência do cérebro para o clone da pessoa em questão. Já na obra *Oryx e Crake*, de Margaret Atwood, a autora admite a influência do meio sócio-histórico em suas obras afirmando que o fato da tragédia de 11 de setembro ter ocorrido durante o processo de escrita de sua obra a faz pensar em desistir já que a vida real está chegando perto de sua ficção.

A autora Lucia procurou mostrar em sua obra a partir da discussão dos romances aqui tratados, como todo tipo de literatura é inseparável do meio sócio-cultural em que foram geradas além de contribuir como uma maneira informal de educação em ciência.

O quinto texto é chamado “*Mediações Transculturais na Contemporaneidade: Afro-América*” de Maria Aparecida Salgueiro tem por o objetivo de analisar as manifestações afro-americanas no Teatro, na Literatura e nas Artes Plásticas no início do século XX sob o enfoque de teóricos da construção identitária do pós-colonial.

A cultura afro-americana tem suas raízes na própria América e não na África. O único caminho para vencer as divisões de nacionalismo, racismo e sexismo é forjando uma cultura cívica que respeite tanto as diferenças quanto as semelhanças. No caso dos estudos Estadunidenses e da Literatura Afro-americana, os Estudos Culturais são fundamentais para a compreensão do quadro histórico e da cultura dos Estados Unidos.

A partir da primeira metade do século XX passa-se a perceber a África como um mundo de plena diversidade, riqueza cultural, artística e criativa. Surge a arte negra “abstrata” o jazz, o Teatro, como arte do movimento e da palavra, definindo e se redefinindo, dentro da comunidade afro-americana, como postura artística de porte.

Desta forma, no início do século XX, somando-se às conquistas individuais em muitos campos, o talento dos negros floresceu nas artes e na música durante as décadas de ‘20, ‘30 e ‘40. Surge também o movimento literário e ideológico liderado por escritores, intelectuais e políticos francófonos caracterizando o movimento pelos

seguintes aspectos: reação à colonização, denúncia explícita da crueldade dos europeus na realidade colonial, rejeição aos processos de dominação e às idéias do Ocidente; crise de identidade que conduzia à aceitação e ao orgulho de ser negro; valorização da História, das tradições e das crenças africanas; estilo literário absolutamente realista; idéias marxistas.

No que diz respeito à Afro-América no momento dos movimentos modernistas do início do século XX, os tradutores foram de fundamental importância para a circulação de ideias sobre a Negritude entre África, Europa e Estados Unidos. No mundo contemporâneo a representação transcultural ocorre sobre diferentes ordens. A partir da globalização da comunicação, do multiculturalismo, da tradição e da transmissão cultural, o debate ideológico, a política colaboram de sobremaneira no que diz respeito ao papel fundamental que os tradutores desempenham na difusão da diversidade cultural na contemporaneidade.

Sendo assim, pode-se verificar que o modernismo afetou diversas formas de consciência cultural entre a tradição e a modernidade, a partir da Arte em suas variadas formas. Em relação aos Estudos de Tradução eles são um dos meios de construção de culturas em vários ambientes pós-coloniais, no caso das Américas, é também o da formação de identidade arraigado a psique de seus milhões de habitantes.

O sexto e último texto da obra organizada por Leila Assumpção Harris é intitulado *“Narrando o sujeito feminino de origem indígena: práticas autobiográficas na construção de identidades pessoais e culturais”* de Peônia Viana Guedes.

As questões de identidade são o ponto central nos estudos, pós-modernos, pós-coloniais e feministas. Todos estes questionam o processo de reconfiguração das identidades. Quanto às identidades culturais teóricos e críticos concordam com a existência de diferenças entre culturas, já que estas passam por constantes transformações.

A partir do século XVIII foi que o gênero autobiográfico passou a ser reconhecido como gênero literário distinto, sendo definido como aquilo que é lembrado e esquecido. Este gênero foi muito utilizado para mulheres a partir dos anos 80. Nele, observava-se o quanto elas eram oprimidas e excluídas do “discurso oficial”.

As autobiografias contemporâneas combinam formas literárias e artísticas variadas rompendo a noção de sujeito em que a vida desenrolaria de uma maneira progressiva e cronológica.

No texto a autora Peonia Viana investiga questões de gênero e etnia representadas em dois textos de caráter autobiográfico: *Halfbreed* (1973), da canadense de origem indígena Maria Campbell, e *Storyteller* (1984), da norte-americana de origem indígena Leslie Marmon Silko. Os dois textos relatam experiências de vida de suas autoras/narradoras/protagonistas usando variações do gênero autobiográfico.

Nos estudos de autobiografias de autoras indígenas deve-se considerar que a tradição tribal está extremamente ligada à vida da comunidade indígena e que busca a afirmação de identidade e valores tribais envolvendo uma ação política.

O entrelaçamento das três esferas: pessoal, social e política caracteriza as autobiografias de Campbell e de Silko, autoras analisadas por Peônia Viana Guedes em seu artigo. Elas fazem uso do pronome “nós” para indicar que estão sempre invocando uma comunidade indígena.

Em *Halfbreed*, Maria Campbell escreve uma autobiografia mostrando a tradição do oral no texto escrito. A autobiografia de Campbell, mesmo narrada em primeira pessoa, não exclui a voz da comunidade, dirigindo-se aos membros de diversas tribos indígenas. *Halfbreed* nos oferece uma visão alternativa da história canadense, vista pelos olhos de uma de suas minorias oprimidas, mostrando a dureza do caminho trilhado pela autora e a satisfação de ter chegado a finalmente pertencer. Leslie Marmon Silko foi criada em uma comunidade conhecida pela riqueza de sua tradição cultural, *Storyteller* é construída de fragmentos de histórias – antigas e recentes, pessoais e tribais – de contos, poemas, trechos de cartas, anedotas e fotografias de família. Silko conta sua própria história, a de sua família e de seu povo Laguna Pueblo.

Halfbreed e *Storyteller* são exemplos das possibilidades e diversidades do gênero autobiográfico produzido por escritoras étnicas contemporâneas. São histórias diferentes que mostram a importância da narrativa como um exímio mecanismo de formação de identidades, pessoais e culturais de indivíduos e suas comunidades.

Em síntese, a obra “*A voz e o olhar do outro*” coloca em questão, temas como: as teorias queer, os Estudos Culturais, a questão do lar para os migrantes, os gêneros textuais da autobiografia e da ficção científica. Além de ser também um questionamento do conceito de identidade, pois retrata a vivência de pessoas excluídas e seu caminho até serem consideradas sujeitos sociais.